

A imprensa de Belo Horizonte sob o olhar de Maria Ceres Pimenta Spínola Castro

SILVA, Sandra Mara. JARDIM, Simonia Dias (UNIPAC – MG).

Resumo

O Presente artigo trata da autora Maria Ceres Pimenta Spínola Castro, uma historiadora da área de educação, que pesquisou a imprensa escrita de Belo Horizonte do início do século. O artigo trata de sua vida e também de suas duas obras da área da comunicação impressa de Belo Horizonte.

Palavras-chave – Jornal impresso, pesquisa, Belo Horizonte.

Introdução

Ao falar de um historiador relacionado à imprensa brasileira, chama a atenção o nome de Maria Céres Pimenta Espínola, objeto deste estudo enquanto autora de obras sobre o jornalismo em Belo Horizonte.

A historiadora que não é da área de jornalismo, e sim, especializada em outras áreas do conhecimento, mas que ousou navegar pela comunicação, aproveitando esta flexibilidade que o conhecimento permite, de construir novos caminhos, deixando para a história do jornalismo, a qual se beneficia a capital mineira, com duas importantes obras, sobre as quais comentaremos no decorrer deste estudo.

Além do fato dela ser uma pesquisadora que ousou, e com muita competência, na área de comunicação, o fato de ter escolhido Maria Ceres, se deve ao fato de que existem poucas pesquisas na área específica dos jornais impressos de Belo Horizonte. É fato que existem muitos estudos sobre comunicação impressa na capital mineira, mas eles caracterizam-se pelo estudo das notícias e seu impacto na sociedade. Quando muito, alguns trabalhos avançam no sentido de incluir análises sobre as repercussões sociais da comunicação e atualidades.

Contudo, pouco se conhece sobre a história desses jornais impressos, e as modificações que eles sofreram ao longo da história. Não há muitas análises sistemáticas sobre o assunto, uma vez que não se encontram livros sobre a história dos jornais mineiros nas bibliotecas e para se ter acesso a essas informações só mesmo recorrendo aos departamentos de pesquisa dos mesmos.

1. A Autora

Maria Ceres Pimenta Spínola Castro graduou-se em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 1970. É mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais desde 1982 a dissertação, com o tema: O planejamento da educação que (nos) convém: um estudo da transfiguração do ensino superior no Brasil, e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, título que conseguiu em 1994, com a tese de título: Longe é um lugar que não existe mais: um estudo sobre as relações entre comunicação, sociabilidade e política, em Belo Horizonte.

Foi premiada com duas medalhas, sendo em 1999, a Medalha do Mérito Educacional, e em 2002, a Medalha da Inconfidência, ambas do Governo do Estado de Minas Gerais. Autora de sete artigos publicados em periódicos entre 1995 e 2003 e cinco livros entre 1995 e 2006, dentre eles, dois que abordam o jornalismo em Belo Horizonte: Folhas do tempo: “Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte - 1895-1926 e Itinerário da imprensa de Belo Horizonte”, disponíveis em seu currículo. Além destes, ela possui mais seis trabalhos publicados em anais de congressos, entre outras produções. Já participou de treze bancas de dissertações, três de teses de doutorado e três de avaliação de curso, entre outras participações em eventos. Também possui seis orientações e supervisões de mestrado concluídas.

Já foi professora das disciplinas “Teoria da Opinião Pública”, “Metodologia e Pesquisa em Comunicação” e “Comunicação e Cultura”. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação e Política. Atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, sociabilidade, política. Já atuou em várias áreas da comunicação social e atualmente é Diretora do Centro de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

2. A cidade de Belo Horizonte

Maria Ceres escolheu como campo de pesquisa a os jornais da Cidade de Belo Horizonte para sua pesquisa. Inaugurada em 12 de dezembro de 1897 para ser o centro político-administrativo do Estado, Belo Horizonte, consegue marcar sua presença no cenário mineiro não apenas como “Cidade política”. A atração de investimentos industriais a reboque do grande deslocamento espacial da demanda, determinado pela mudança do capital e conseqüentemente do aparato burocrático-administrativo do Estado, confere um matiz diferenciado àquela cidade planejada para funcionários públicos. O plano original de crescer de dentro para fora é assim invertido pela população que percebe que o local escondido atrás da Serra do Curral é um lugar muito agradável para viver e de grandes possibilidades.

Assim, a produção do espaço urbano se dá de forma não muito ordenada, uma expansão do suburbano criando manchas descontíguas de ocupação e uma “desordem” que, se vai contra o que foi originalmente planejado. O traçado original de Belo Horizonte criou perspectivas em profundidade, assinaladas pela paisagem natural de rara beleza ou pela paisagem cuidadosamente construída e amoldurada. A Avenida Afonso Pena nascia na Praça do Mercado, limitada ao fundo pelas águas do Ribeirão Arrudas, e seguia larga e generosa em direção à Serra do Curral, contentando-se em alcançar a Praça do Cruzeiro.

A capital do Estado surge de uma pequena vila e se transforma em uma metrópole de dois milhões de habitantes – sem contar com a população das cidades vizinhas que já se “derramaram” sobre ela - certamente tem problemas e dificuldades. Mas certamente tem um potencial enorme para crescer com boa qualidade de vida. De capital administrativa, cidade política passa a se tornar administrativa, cidade política, passa a se tornar centro econômico, polarizando pelo terciário a, agora, maior área industrial do Estado.

Do ponto de vista demográfico, a cidade experimentou as maiores taxas de crescimento populacional entre as principais capitais brasileiras, mais que dobrando sua população durante os anos sessenta. Assim, consolidou sua posição de pólo econômico regional, particularmente para aquilo que, até hoje, podemos considerar a economia mineira.

A jovem Belo Horizonte, se comparada a outras cidades, pois tem um pouco mais de cem anos, hoje já apresenta todos os problemas de uma grande metrópole, com trânsito tumultuado, problemas inchaço populacional, além de outros, mas ainda guarda ares de uma pequena vila, onde os moradores levam os filhos para brincar nas praças e

os parques ficam cheios no finais de semana, afinal seu povo ainda a considera um lugar bonito de viver.

3- Obras da autora

3.1 “Folhas do Tempo: imprensa e cotidiano de Belo Horizonte 1895-1926”

A obra foi escrita em 1995 para comemorar os 100 anos da imprensa em Belo Horizonte, uma vez que o primeiro jornal da cidade o *Bello Horizonte* foi lançado em 7 de setembro de 1895, antes mesmo da inauguração da nova capital, que ocorreu em 12 de dezembro de 1897. Ou seja, a imprensa chega a capital quase cem anos após ter sido inaugurada no Brasil.

O Brasil ingressa na era tipográfica logo após a chegada da Corte Portuguesa quando o Regente D. João VI autoriza a criação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro (1808) e a instalação de um prelo na Bahia (1811). No entanto, permanecendo vigente, o aparato repressivo inibe a expansão da imprensa em outras partes do território nacional. (MELO, p.22. 2007)

Vale a pena ressaltar que já existia uma imprensa em outras cidades de Minas Gerais, incluindo Ouro Preto e Sabará, cidades que existiam desde o período colonial. A imprensa brasileira nasceu oficialmente no Rio de Janeiro em 10 setembro de 1808, com a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, órgão oficial do governo português que tinha se refugiado na colônia americana. Quando o jornalismo nasceu em Belo Horizonte, já tinha acabado até mesmo a censura que teve início em 1827, já no Primeiro Reinado e acabou em 1827, como mostram as informações das obras de Maria Ceres.

Por Belo Horizonte ser tão nova, a obra “Folhas do Tempo” retrata a evolução dos jornais de Belo Horizonte produzidos no período de 1895 a 1926. “Folhas do Tempo” foi coordenado pelos professores do Departamento de Comunicação Social da UFMG, Maria Céres Pimenta Spínola Castro e Paulo Bernardo Ferreira Vaz, e teve apoio de uma equipe de bolsistas do CNPq e a Fundação de Apoio da Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig). A pesquisa para criação do livro foi desenvolvida por dois anos e buscou estudar as três primeiras décadas da atividade periodística na capital mineira.

Esse período configura o que se convencionou chamar a primeira fase da imprensa belo-horizontina, caracterizada pelos jornais de vida efêmera e produção artesanal. Inicia-se em 1895 e vai até o lançamento do Correio Mineiro, em 1926, que assinala o advento da moderna imprensa belo-horizontina, constituída como empreendimento comercial, voltado para a viabilização do retorno do capital investido.

As duas maiores fontes de pesquisa do livro foi a Coleção Linhares da Biblioteca da Universidade Federal de Minas Geais (UFMG) e o acervo do Arquivo Público Mineiro. A partir do universo de 350 títulos foi constituída a amostra de representatividade do livro. Foram consultados também 69 jornais do período com um total de 364 edições. Foi realizado ainda um levantamento bibliográfico sobre a cidade de Belo Horizonte, relativo ao período de estudo.

Como resultado final da pesquisa surgiu este livro. “Folhas do Tempo” que é constituído de duas partes: A primeira apresenta ensaios dos professores coordenadores - Maria Ceres Pimenta Spínola Castro e Paulo Bernardo Ferreira Vaz. A segunda consiste na apresentação dos ensaios produzidos pelos bolsistas, a partir de recortes do projeto principal. Os bolsistas são: Alice de Salvo Sosnowski, Juliana Maria de Siqueira, Leandro Ferreira Simões, Mirian Cristina Freire Santos, Patrícia Duarte Cançado, Piedra Magnani da Cunha e Viviane Dias Loyola.

Assim a Imprensa é analisada sob o ponto de vista de sua feição gráfica, da cultura, do esporte, da política ou de uma visão particular da cidade. A obra analisa ainda o formato gráfico, o layout e a linguagem jornalística utilizada na pelos periódicos da época. A obra aborda também temas específicos, os ensaios comungam da mesma intenção de vislumbrar, através de um aspecto da imprensa, o cotidiano da cidade.

3.2 – Itinerários da Imprensa de Belo Horizonte

“Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte; 1985-1954” é a segunda obra que surgiu da pesquisa de livros sobre o início da atividade jornalística da capital mineira, reúne o catálogo de jornais da cidade, elaborado pelo colecionador Joaquim Linhares, e um estudo crítico produzido pela pesquisadora do Departamento de Comunicação Social da UFMG, Maria Ceres Spínola Pimenta.

Obra de referência da imprensa belo-horizontina em seus primeiros tempos, este catálogo comporta a descrição de 839 títulos de periódicos (jornais, revistas, panfleto etc.) que aqui circularam de 1895 a 1954, e que demonstram a diversidade e a vitalidade

da atividade jornalística existente nesse período, mesmo que de natureza amadora e artesanal.

Há jornais de natureza política, noticiosos precursores da imprensa moderna, literários e culturais, além de humorísticos, associativos, esportivos e de operários. Mas também os de italianos, de árabes e de alemães; folhas católicas, maçônicas, protestantes, espíritas, boletins e revistas estudantis e universitários; jornais de blocos carnavalescos, panfletos de reclames publicitários, enfim, uma multiplicidade de formas e temáticas a construir imagens distintas da cidade e do seu cotidiano.

Mais que a história do periodismo local, o trabalho conta da experiência dos cidadãos com o universo da palavra publicada. Fala, pois, daquela sociedade e suas redes de convivência. Estrutura nossa memória contribuindo para a reconstrução da história de Belo Horizonte e Minas Gerais. A obra coloca ainda à disposição dos pesquisadores dos diferentes ramos das Ciências Sociais Material rico e instigante ainda pouco explorado.

Em 1956, quando Joaquim Nabuco Linhares faleceu, ele deixou para a família um rico acervo que compilou de 1895 a 1954: o “Itinerário da imprensa de Belo Horizonte”. Era um total de 839 títulos de jornais (desde o primeiro) editados na capital, que representam uma verdadeira relíquia. Adquirido em 1976, pela UFMG, o acervo inaugurou, em 1995, a série “Coleção Centenário”, com a publicação da “Monografia de Linhares”, em meio às comemorações do centenário de Belo Horizonte.

Em 1995, quando da comemoração do centenário do primeiro jornal que circulou na capital, o “Bello Horizonte”, a Fundação João Pinheiro, a UFMG e outras instituições celebraram o acontecimento com um projeto conjunto intitulado “Itinerário da imprensa de Belo Horizonte”, sobre o “Acervo Linhares”, do qual participaram pesquisadores do Departamento de Comunicação Social da UFMG, entre eles, Maria Céres Pimenta S. Castro, atualmente diretora da Centro de Comunicação Social da Universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que Maria Ceres Pimenta Spínola Castro deu um importante passo, no sentido de preservar a história do jornalismo impresso de Belo Horizonte no início do século.

Apesar de não ser da área de jornalismo, o que nos chamou a atenção, seu trabalho proporcionou uma grande contribuição, especialmente para a imprensa mineira,

o que permite a estudantes, professores e profissionais da área de comunicação tomarem conhecimento da diversidade de jornais que a capital abrigou no início da sua história.

Sem dúvida, sua contribuição é de suma importância para a história da imprensa no Brasil e em especial na de Belo Horizonte, já que existem poucas pesquisas na área específica dos jornais impressos na capital. Por isso, Maria Ceres Pimenta Spínola Castro é um nome que merece ser mencionado, assim como suas obras, para que o Brasil tome conhecimento da grande contribuição que esta deixou para o seu jornalismo e para a construção da sua história.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola. *Folhas do Tempo: Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926*. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.

LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerários da Imprensa de Belo Horizonte: 1985 – 1954*. Estudos críticos e nota biográfica de Maria Ceres Pimenta Spínola Castro. BH: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais. 1995.

MELO, José Marques, org. *Os bandeirantes da idade média*. 1º ed. – São Paulo. Angellara, 2007. 236p.